



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14687 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 06 - Educação Popular

OS COTIDIANOS/VIVÊNCIA E A EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÕES COM OS JOVENS ESCOLARES.

Maurício Barbosa Carneiro - UnB - Universidade de Brasília

Maria Lidia Bueno Fernandes - UnB - Universidade de Brasília

OS COTIDIANOS/VIVÊNCIA E A EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÕES COM OS JOVENS ESCOLARES.

Introdução

Este trabalho é parte de uma investigação de Doutorado e apresentará a compreensão dos jovens acerca da importância de aproximar a escola e os contextos pedagógicos que nela se desenvolve do cotidiano/vivências dos estudantes. A pesquisa está se desenvolvendo com estudantes dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II em duas unidades escolares na cidade de Formosa-GO com o intuito de explorar a complexidade das interações entre os jovens, a educação e os territórios escolares que eles ocupam, reconhecendo a importância desses elementos na compreensão mais ampla das experiências juvenis.

A pesquisa se estrutura numa abordagem qualitativa e se concretiza, primeiramente, com as rodas de conversas sobre o que são esses jovens escolares e o que acham da escola, da sua cidade, seu bairro. As rodas de conversas foram feitas no sentido de entender esse jovem e a escola, a partir dela soma-se outros elementos como a elaboração de uma cartografia social desses jovens escolares a partir do espaço que frequentam, seu cotidiano, suas vivências. Quais as representações que os jovens escolares constroem sobre/com a cidade e de que maneira elas atravessam seus cotidianos até desembocar na escola? Essa é a questão que se pretende investigar.

A abordagem se concretizará com os suportes teóricos de Dayrell (2007), Verneque (2023), Margulies e Urresti (1996), Feixa (2008), Sposito (2005), Corrochano; Abramo

(2016), Oliveira; Lacerda (2024), Cassab (2010) dentre outros.

Os jovens escolares

Os jovens representam uma mobilidade social, espacial e territorial de onde emerge as suas especificidades e resulta em identidades que se manifestam a partir da sua personalidade, vivências e cotidiano. A escola é o espaço de socialização da juventude e de onde essa mistura de vivências e cotidianos fazem-se presentes. Dayrell (2007) indica que a juventude assume uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades e os limites de sua vida em todas as dimensões, desde a dimensão afetiva até a profissional (Dayrell, 2007, p35).

Trata-se de compreender que os jovens manifestam-se de formas diferentes as suas identidades por ser elas próprias, vinculadas as dimensões da vida, do espaço, do território, da cidade, do lugar e também da escola. Para Lefebvre(2001) o espaço se apresenta contraditório por ser ele resultante do conteúdo prático e social de uma sociedade, e por isso será concebido, vivido e percebido de muitas formas. Por isso acionamos os jovens escolares inseridos em um contexto, em uma vivência, pois é a partir disso que ele se constitui enquanto sujeito e de onde surge as contradições. Ao atravessar os portões que dão acesso à escola seja ela pública ou privada, o jovem traz consigo uma cultura social que se constitui a partir de todas as vivências, as histórias, os valores, as crenças que ele experimentou anteriormente (Oliveira; Lacerda, 2024, p. 11).

E como tem sido a escola para os jovens escolares? Se consideramos que a escola é ponto de inserção social dos jovens, entendemos que ela precisa se inserir como coparticipante da realidade desses jovens, como também precisa ser atrativa para além do aspecto socializador. Entender que existe identidades escolares distintas pra uma escola que é plural em toda sua essência.

Gira a roda: a escola sendo jovem ou os jovens fazendo ser jovem a escola:

Os jovens escolares resultantes dessa pesquisa tem apontado para um distanciamento da pluralidade escolar na manifestação de suas identidades. Vejamos um trecho dessas transcrições cuja proposta era tecer reflexões sobre – A escola sendo jovem ou os jovens fazendo ser jovem a escola:

Rafael - Tenho dificuldade de ir à escola todos os dias. Acordar cedo é muito ruim. Quando chego lá to cansado, tenho q ficar copiando os conteúdos e não presto muita atenção. Gosto da escola lá porque meus trutas estão lá, minha galera [risos dos presentes]. Tem muita gente diferente lá, tem uns que nem converso, fica tirando a

gente de tempo.

Ana – *É muito difícil muita gente junta [os outros participantes balançam a cabeça concordando]. Sento no fundo é muito buchicho e acabo q não ouço o q tá explicando. Fico apreensiva, nervosa. Penso que a forma como é feita muitas das vezes a aula não tem conectado a gente. Talvez um papo mais aberto sobre o conteúdo fosse melhor. A escola precisa ser encontro, precisa ver a gente da forma igual.*

As falas dos jovens escolares sugerem que eles não se vislumbra pela escola por uma questão de pertencimento. Cabe atenção nesse aspecto, pois fundamentalmente, ser jovem é estabelecer vínculos e construir identidades formativas para toda sua história, nos seus grupos e tribos (Feixa, 2008). E não estamos condenando a escola, porque também concordamos que ela é um dos espaços de socialização muito importante na vida deles. A escola não das regras, mas da reflexão sobre as regras.

Essa reflexão feita pelos jovens escolares, também é apontada por Dayrell (2007):

Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe (DAYRELL, 2007, p. 1106).

Os sentidos dos jovens fazer jovem a escola representa a possibilidade de pensar numa escola que acolhe as juventudes. E assim ser uma escola do pertencimento, da autonomia e da construção coletiva dos sujeitos. Os apontamentos trazidos pela roda de conversa denotam que estamos lentos no sentido de aproximar-se mais deles. Uma outra indagação pertinente para elaboração dessa pesquisa é o como os jovens querem a escola? Nas falas percebemos que a instituição escolar representa muito não só pra vida estudantil, mas para conexão existente entre eles. Vejamos as transcrições das falas de dois alunos do 9º ano de uma das unidades escolares da pesquisa:

Ricardo: *eu quero uma escola diferente, cmenos regras, mais escuta. Nois não é ouvido. Nois o tempo todo só e cobrado. La fora todo mundo cobra de mim, minha família, a sociedade toda. Acham que não querem fazer nada. Mas eu quero muito. Sou muito bagunceiro e tal, mas acho que muito por causa da própria escola que insiste me colocar um padrão [risos dos presentes].*

Mateus: *Talvez fazer a escola refletir como nos trata. Talvez eu não queira ter uma profissão. Vou mexer com um lance da internet e tal. Mas a escola insiste que a gente seja algo. Pra ser jovem a escola talvez ela precisa fazer jovem seus argumentos e atitudes.*

Conseguimos identificar pela fala dos estudantes presentes na roda que a desconexão juventude e escola cria desentendimentos e avançam para processos de desobediência e intransigências, conflitos. Quando o jovem estudante Ricardo (nome fictício) aborda sobre que a escola é culpada pelo seu jeito, ele nos diz que a escola está dissociada da sua realidade. A escola, assim como esses sujeitos possuem uma identidade, tem uma realidade social própria de onde as diferenças tornam-se gritantes e desiguais. Também por isso, como elo da diversidade, da conexão dos diferentes, representa a capacidade de mudar os rumos daqueles que passam por ela.

A escola é um território coletivo da expressão de uma juventude que se conecta aos lugares, suas vivências e seu cotidiano. O jovem ao chegar na escola se constitui num lugar, tem uma história na família, na cidade, no bairro. Para além de ser apenas mais um estudante, ou mais uma matrícula para a unidade escola, ele é um sujeito social. Sobre isso Margulies e Urresti (1996) afirmam que a juventude é mais do que uma categoria etária e que não pode ser tomada como um conceito desconectado dos seus aspectos históricos, fáticos, sociais e políticos, circunscritos a sua dimensão simbólica.

Como demonstrado nas falas, a escola tem uma importância para os jovens, não somente pelo conhecimento, mas por ser um espaço em que diferentes sujeitos tem suas trajetórias atravessadas pelas possibilidades de mudanças. Constitui assim como espaços de territorialização da juventude, pois representam refúgio para manifestarem aquilo que é podado em casa, o que pode ser lido como ato de resistência e subversão às opressões impostas (VERNEQUE, 2023, p. 94).

Quando estudamos sobre os jovens escolares, existe uma multiplicidade de fatores que constitui esses jovens na escola. As pesquisas desenvolvidas pela Cassab(2010) tem apontado na necessidade de entender o jovem e nesse caso, o jovem urbano, a partir da compreensão dos sentidos que estes sujeitos dão a cidade, bem como que usos fazem delas. Tudo está associado.

Sposito (2005) defende que a pesquisa com jovens permite construir um panorama da sociedade, que está conectada ao social e das suas interrogações. Defende ainda que qualquer avanço nesse campo poderá favorecer o desenvolvimento de novos conhecimentos dos processos sociais que afetam o conjunto da sociedade (Sposito, 2005, p. 39). Então, a pluralidade do conceito de ser jovem, está vinculada a pluralidade de se constituir jovens em outros espaços como a cidade, e jovens em outros contextos, como os jovens e o trabalho, por exemplo. Importa dizer que a construção histórica dos marcadores sociais da diferença, como classe e etnia, ou dos espaços (a escola, a rua, a cidade, o bairro) também deve ser considerada para pensarmos sobre como estão os jovens na contemporaneidade (Corrochano; Abramo, 2016).

Considerações Finais

Apropriar-se do espaço escolar é tornar-se parte dele, transformar portanto o que causa estranheza. Contudo, se a pesquisa demonstrou, as dificuldades que os jovens tem de se conectarem a escola, sentido pleno de fazer parte da instituição, as falas também, apontaram para o reconhecimento das desigualdades dentro da própria escola, e do distanciamento pedagógico de ouvi-los. Uma escola, portanto que é dialógica, que é aberta no sentido de olhar para fora muito mais do que para dentro traz possibilidades maiores de um encontro com esses jovens escolares em seus cotidianos/vivências.

Palavras-Chave: Juventude escolar. Vivências. Cotidiano. Educação. Cidade.

REFERÊNCIAS

- DAYRELL, Juarez. A escola "faz " as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Centro de Estudos Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, ed. 100, p. 1105-1128, 2007.
- CASSAB, C. Os jovens e a cidade: relações e representações. **Revista de Geografia**, Recife, v. 27, n. 1, p. 26-39, 2010.
- CORROCHANO, M. C.; ABRAMO, L. W. Juventude, educação e trabalho decente: a construção de uma agenda. **Linhas críticas**, v. 22, n. 47, p. 110-129, 2016.
- FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas y tribus**. Barcelona: Editorial Ariel SA, 1998.
- LEFEBVRE, H. **O direito a cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- MARGULIS, M.; URRESTI, M. “**La juventud es más que una palabra**”. In: MARGULIS, M. (editor). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996, p. 13-30.
- OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel Oliveira; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de (orgs.). **Juventudes e Educação: a escola como território juvenil**. Porto Alegre: GEPJUVE/UFRGS, 2024.
- PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. 1. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.
- SPOSITO, M. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005
- VERNEQUE, Dayane Oliveira. Juventudes e territórios como campos de disputa: uma leitura geográfica in: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; PIMENTA, Melissa de Mattos (org.) **Juventudes e Territórios**. – Porto Alegre, RS: GEPJUVE, 2023. 221 f. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/256981> . em 20 de julho de 2023